



Cartas *sobre as* DiFeReNçAs

De pessoas com diferenças para
trabalhadores e trabalhadoras da educação

Organizadora:
Viviane Bernadeth Gandra Brandão

série
**POPULARIZAÇÃO
DO CONHECIMENTO**

Cartas *sobre as* DiFeReNças

De pessoas com diferenças para
trabalhadores e trabalhadoras da educação

©Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Wagner de Paulo Santiago
Reitor

Dalton Caldeira Rocha
Vice-Reitor

Ivana Ferrante Rebello
Pró-Reitora de Ensino

Marlon Cristian Toledo Pereira
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Maria das Dores Magalhães Veloso
Pró-Reitora de Pesquisa

Cláudia Luciana Tolentino Santos
Pró-Reitora de Planejamento, Gestão e Finanças

Rogério Othon Teixeira Alves
Pró-Reitor de Extensão

©Editora Unimontes

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Editora Chefe

Conselho Editorial

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Ivana Ferrante Rebello
Leandro Luciano Silva Ravnjak
Luiz Henrique Carvalho Penido
Patrícia Takaki Neves
Tânia Marta Maia Fialho
Vanessa de Andrade Royo

Apoio



Cartas *sobre as* DiFeReNças

De pessoas com diferenças para
trabalhadores e trabalhadoras da educação

Organizadora:
Viviane Bernadeth Gandra Brandão

Bruna Ranyne Nunes Cardoso
Projeto gráfico, capa e diagramação

Ângela Heloiza Benedito
Ireni Aparecida Mendes Santos
Revisão linguística

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Editora Geral

Este livro foi selecionado por edital
e submetido a parecer duplo cego

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cartas sobre as diferenças [livro eletrônico] : de
pessoas com diferenças para trabalhadores e
trabalhadoras da educação / organização Viviane
Bernadeth Gandra Brandão. -- Montes Claros, MG :
Editora Unimontes, 2025.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-85-7739-741-9

1. Cartas - Coletâneas 2. Educação 3. Educação
inclusiva 4. Educadores - Escritos 5. Pessoas com
deficiência - Educação 6. Professores - Relatos
I. Brandão, Viviane Bernadeth Gandra.

25-278345

CDD-370.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Educadores : Experiências : Educação 370.7

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

©Editora Unimontes

Campus Universitário Prof. Darcy Ribeiro - Montes Claros - Minas Gerais -
Brasil
CEP 39401-089 - CAIXA POSTAL 126
www.editora.unimontes.br | editora@unimontes.br

Filiada à:



*Dedico este livro a todas as crianças,
adolescentes e adultos que possuem
alguma diferença física e/ou sensorial
e/ou que são neurodivergentes e estão
inseridos(as) no contexto educacional.*

Caro leitor,

Este livro nasceu de um gesto simples, mas profundamente transformador: uma carta. Viviane Bernadeth Gandra Brandão, sua organizadora, uma pessoa que gagueja, escreveu uma carta sincera sobre sua experiência, narrando desafios e descobertas. Essa carta, carregada de autenticidade, repercutiu de maneira tão surpreendente na comunidade escolar que levou sua autora a ampliar o projeto, convidando outras pessoas com diferenças a compartilharem suas vivências através de cartas direcionadas a profissionais da Educação.

Cartas sobre as diferenças, então, é fruto da voz de quem vive na pele a diversidade: oito profissionais e estudantes que trazem suas experiências para iluminar o cotidiano da educação. Em cada página, o leitor encontrará relatos pessoais — de quem é surdo ou surda sinalizante, de quem enxerga de modo distinto, de quem se move de forma singular e de quem vivencia trajetórias neurodivergentes — que revelam desafios vivenciados, mas também caminhos para a empatia e inclusão.

Cada carta aponta gestos simples — uma pausa para a fala, a descrição fiel de imagens, o cuidado no uso de termos e siglas — que, juntos, podem transformar

Prefácio

o cotidiano escolar. Ao percorrer estas páginas, o leitor é convidado a trocar estigmas por atenção, distâncias por aproximação. Mais que instruções, o livro oferece testemunhos de vida que ressaltam potencialidades e reforçam a máxima de que diferença não é limitação.

Há pouco mais de vinte anos, a inclusão educacional era vista como uma possibilidade distante, não como uma prática cotidiana plenamente estabelecida. Frequentar uma escola regular, para muitos estudantes com diferenças, significava superar barreiras culturais e atitudinais cotidianas, ainda com pouco apoio da escola. Progressivamente esse cenário vem mudando: hoje, há melhores legislações, políticas públicas mais consolidadas e formação docente de maior qualidade. Ainda há obstáculos a serem superados, mas o progresso é nítido.

Este livro reflete a urgência de prestar ouvidos àqueles que têm muito a ensinar sobre sua própria condição. Que a leitura deste livro estimule ações concretas e auxilie educadores a transformar barreiras em pontes e diferenças em fontes de enriquecimento mútuo. Que nossas salas de aula se tornem cada vez mais espaços onde todas as diferenças coexistam com respeito, colaboração e valorização genuína.

MARIA CLARA MACIEL DE ARAÚJO RIBEIRO

Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG)

Professora da Universidade Estadual de Montes Claros

Querido leitor,

Apresento a você este livro de cartas escrito por pessoas que são profissionais e estudantes com diferenças. Vivemos em uma sociedade plural e diversa, porém, nem sempre há compreensão sobre como devemos conduzir as nossas ações educacionais perante as diferenças que mencionaremos neste livro.

A partir disso, este livro surgiu com o objetivo de levar informações corretas, sensíveis e, ao mesmo tempo, possibilitar que as pessoas que vivenciam diferenças possam falar do que sentem e quais seriam as condutas adequadas dos trabalhadores da Educação em relação a sua especificidade.

Considerando isso, apresento a você 8 (oito) cartas escritas por pessoas que possuem diferenças físicas ou sensoriais, tais como cegueira, surdez e mobilidade reduzida, além de pessoas neurodivergentes, que possuem um desenvolvimento neurológico diferente, como o Transtorno do Neurodesenvolvimento da Fala, que é a gagueira, o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), o Transtorno do Espectro Autismo (TEA) e o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC).

Apresentação

Espero que com a leitura de cada carta, você possa se desfazer dos mitos e do senso comum que eventualmente rondem cada diferença e, ao mesmo tempo, que possa se apropriar de conhecimentos e buscar condutas de respeito, de empatia e de busca por uma sociedade livre de preconceitos e mais aberta às diferenças.

E não se esqueça de que, ao seu redor, na sua sala de aula, na sua escola, no seu local de trabalho, na sua família, existem pessoas que possuem diferenças. Não tente querer que elas se comportem como você, mas, sim, olhe para as suas potencialidades, pois elas podem ser o que quiserem. As diferenças não são barreiras e não são doenças, são somente formas, condutas diferentes de viver. Precisamos de você! Encerro com um trecho do poema de Bráulio Bessa: “Por isso minha poesia, que sai aqui do meu peito, diz aqui que a diferença nunca foi nenhum defeito. Eu reforço esse clamor: Se não der pra ser amor, que seja ao menos RESPEITO!”.

VIVIANE BERNADETH GANDRA BRANDÃO

Organizadora

12

Carta 1

Carta de uma professora surda
POR FAVOR, OUÇAM!
 MICHELLE ANDREA MURTA

15

Carta 2

Carta de uma professora que gagueja
PROFESSORES, ME ESCUTEM!
EU SÓ FALO DIFERENTE.
 VIVIANE BERNADETH GANDRA BRANDÃO

19

Carta 3

Carta de uma pessoa com deficiência visual (baixa visão)
HELLEN RAIOL? PRESENTE, PROFESSOR!
 HELLEN PRISCILA NEGRÃO RAIOL MONTEIRO

24

Carta 4

Carta de uma professora com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)
EM BUSCA DE MIM.
 MARIANA CAVACA ALVES DO VALLE

31

Carta 5

Carta de uma estudante autista
AUSTISTAR E INCLUIR: REFLEXÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
 CAMILA JASMIN MARTINS

36

Carta 6

Carta de uma pessoa com mobilidade reduzida
A EDUCAÇÃO RESSIGNIFICOU A MINHA VIDA
 SUZANA ALVES DOS SANTOS BARROS

40

Carta 7

Carta de uma pessoa surda oralizada usuária de Implante Coclear
APRENDER PARA ENSINAR
 TED NOBRE EVANGELISTA

44

Carta 8

Carta de um professor com Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC)
TOC. TOC. TOC.
 ÍCARO BELÉM HORTA

47

Agradecimentos

48

*Autores**Sumário*



Carta de uma professora surda

POR FAVOR, ME OUÇAM!

Caros (as) trabalhadores da educação,

Por favor, me ouçam! Vivemos em um mundo que valoriza tanto os sons – da música, do canto dos pássaros, dos sussurros ao ouvido. Eu existo e me movo nesse mundo, mesmo que ele nem sempre me compreenda. Em alguns momentos, finjo que entendi o que me disseram e simplesmente concordo, com receio de pedir que repitam. Às vezes, digo “desculpe, eu não ouvi” e, em outras, afirmo que estava distraída, quando o verdadeiro motivo é simples e único: sou surda. Não ouço o canto dos pássaros, o sussurro ao ouvido, as melodias, nem mesmo o telefone tocar. Já sofri muito com essas limitações, pois elas me faziam sentir diferente, deslocada, insuficiente para pertencer a este mundo, encaixando-me num rótulo de “anormal”.

Custei a me encontrar. Quando finalmente o fiz, senti uma emoção que não consigo traduzir em palavras, pois me via no fundo de um poço sem luz. Hoje, porém, meu

dia é como um grande sol; há uma alegria genuína em poder me comunicar com as mãos. Posso ensinar usando as mãos, cantar uma música, declarar um amor, conversar entre amigos e, enfim, mover o mundo. Que sorte a minha ter a Libras, que hoje faz parte da minha vida!

Mas nem sempre foi assim. Meu primeiro contato com a Libras foi aos 23 anos, quando já estava finalizando o ensino médio. Minha experiência no ensino fundamental foi marcada por traumas, e, sinceramente, não sei como não desisti dos estudos. Nenhum professor percebeu que eu era surda. Achavam apenas que meu jeito de falar era uma “herança” da minha mãe. Em 1986, quando entrei na escola, o método fonético era o padrão, e o ditado era prática recorrente. Eu, uma criança que nem sabia o que significava ser surda, colecionei cinco reprovações.

Quantas vezes me perguntei: será que nenhum professor olhou para mim com carinho e atenção? Ninguém se questionou por que eu reprovava todos os anos? Por que errava tanto no ditado, confundindo “bata” com “mala”? Nenhum deles teve um olhar docente, humano, inclusivo? Foi mais fácil e cômodo para o sistema me reprovar, marcando minha vida durante cinco anos?

Essas perguntas ainda me acompanham. Talvez eu não tenha sido a única a sofrer com isso. E os outros surdos? Então, hoje, falo a vocês, professores: não repitam essa história, não ignorem seu aluno surdo, não transfiram a responsabilidade apenas para o intérprete de Libras. Lembrem-se: ele é seu aluno. E, ao falarem conosco, por favor, não gritem, nem façam mímicas – isso nos faz sentir

mal. Apenas gesticulem com calma, mantenham o contato visual e aprendam Libras. Afinal, nós existimos.

Acredito que a educação salva vidas, assim como salvou a minha. Professores, seu aluno surdo precisa de vocês.

Professores, ao preparar o material e as provas, lembrem-se do seu aluno surdo. Considerem as dificuldades que ele enfrenta e lembrem-se de que o português é a sua segunda língua. Ao entrar na sala de aula, estabeleçam contato visual com ele; isso fará com que ele se sinta seguro e veja você como uma referência. Professores, confiamos em vocês e sabemos que escolheram a docência por vocação. Hoje, contamos com mais de 10 milhões de pessoas surdas no Brasil. Conto com seu apoio.

A Libras é uma língua para todos nós.

Atenciosamente,

Michelle Andrea Murta

Doutora em Linguística Teórica e Descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professora da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG



Carta 2

Carta de uma professora que gagueja

PROFESSORES, ME ESCUTEM! EU SÓ FALO DIFERENTE.

Caros (as),

Professores, me escutem! Eu sou uma pessoa que gagueja, falo diferente, posso precisar de mais tempo para falar. Em alguns momentos, posso repetir palavras, ter prolongamento ou bloqueios na fala. Mas está tudo bem comigo! Eu só falo diferente. Quero que vocês saibam que a minha gagueira é involuntária, eu não consigo controlar. Além disso, a causa da minha fala ser diferente não é porque estou nervosa; eu tenho gagueira.

Vocês sabem o que causa gagueira? As pesquisas científicas revelam que a gagueira é um transtorno de fluência de origem neurobiológica, multifatorial, com forte influência genética. Por isso, professores, a causa da minha gagueira não é emocional. Quando eu for apresentar um trabalho ou forem conversar comigo, não peçam para

eu respirar, ficar calma e falar. Eu sei o que realmente quero dizer, eu só preciso que vocês, que são meus ouvintes, tenham paciência, fiquem calmos, mantenham o contato visual comigo e saibam esperar meu tempo de fala.

Professores, vocês já devem ter percebido que sou bem calada na sala de aula, evito responder em voz alta às suas perguntas, demoro responder à chamada, com o “presente” ou citando meu nome, mas eu não sou tímida! Gostaria de participar, porém, não o faço, pois já sofri e sofro com as piadas dos meus colegas sobre a minha fala; por isso escolhi ser tímida, para evitar constrangimentos!

Professores, me escutem! Façam atividades e ensinem que todos os estudantes tem um tempo de falar, de escutar e que todos falam diferente, e que o mais importante não é a forma como eu falo e sim o conteúdo que transmito. Gostaria de fazer um pedido: no dia que todos os estudantes tiverem que falar em voz alta, deixa eu ser uma das primeiras, pois se eu for uma das últimas, ficarei tensa, sofrendo internamente, pensando se conseguirei falar o que quero dizer e, com isso, agravar minha gagueira. Mas, antes, converse comigo separadamente e me pergunte o que será mais confortável para mim no dia. Sabe por que professores? Porque têm dias que gaguejo mais, outros dias, menos, ou, até no mesmo dia, tenho variações na minha fala, pois o funcionamento do meu cérebro na área da fala é diferente. Isso não quer dizer que não sou capaz; pelo contrário, sou inteligente. Conheço pessoas que gaguejam que são professores, porteiros, vendedores; pintores, atores, cantores; médicos, técnicos de segurança do trabalho, assistentes sociais, psicólogos, fonoaudiólogos, advogados, engenheiros, cientistas, jornalistas,

administradores, jogadores de futebol, presidente de um país e tantas outras profissões. Então, eu posso ser o que quiser... e serei!

Professores, outra coisa que quero dizer: não complete a minha frase e nem tente adivinhar o que estou tentando falar. Isso é muito ruim! Como já falei no início desta carta, eu sei exatamente o que quero dizer. Crie ações que vão estimular minha comunicação e interação social, como, por exemplo, peça para eu ler em voz alta em dupla ou em coro, porque ler junto aos meus colegas favorece a minha fluência. Mas o dia que eu quiser ler em voz alta sozinha, eu avisarei, para que vocês me incentivem e possam orientar meus colegas a respeitarem meu tempo de fala.

Professores, eu sei que vocês são excelentes profissionais, são dedicados e querem o sucesso de seus estudantes. O que escrevi aqui nesta carta é para que vocês saibam que as suas ações são muito importantes para que eu, pessoa que gagueja, e todas as outras que falam diferente possamos nos sentir acolhidas e respeitadas. Conheço pessoas que gaguejam que não seguiram seus estudos por falta de acolhimento nas suas escolas.

Professores, muito obrigada por lerem minhas palavras e por me escutarem. Tudo que escrevi foi baseado nas experiências que vivenciei, nos textos que os pesquisadores da área escreveram e nos ensinamentos que aprendi com os profissionais que se dedicam ao estudo da gagueira, tanto os que passaram quanto os que ainda estão em minha vida. Nunca se esqueçam: a diferença faz parte da nossa sociedade; no Brasil, somos, aproximadamente, 10 milhões de pessoas que gaguejam.

Com carinho, de uma aluna que gagueja, que, depois de uns anos, tornou-se professora,

Viviane Bernadeth G. Brandão

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais
Professora da Universidade Estadual de Montes Claros



Carta 3

Carta de uma pessoa com deficiência visual
(baixa visão)

HELLEN RAIOL? PRESENTE, PROFESSOR!

Caros (as) trabalhadores da educação,

Sou a aluna Hellen Raiol, mas pode me chamar de Hellen e, por favor, não me chame de a aluna cega ou aluna PCD, pois não sou a minha deficiência, nem tampouco uma sigla. Então professor, existem algumas informações sobre a minha deficiência visual que são importantes para você conhecer. Inicialmente, o fato de você ter trabalhado com outros alunos com deficiência visual antes de mim, não significa que você saiba exatamente quais as formas e metodologias que deve aplicar comigo. Isso porque, são diversas as patologias relacionadas às deficiências visuais.

A minha patologia, por exemplo, é retinose pigmentar, doença que afeta as estruturas fotorreceptoras dos olhos, impedindo-os de captar luz, prejudicando assim a formação da imagem pela retina e a capacidade de

distinguir cores e deixando a visão comprometida. Além disso, o percentual de visão de cada pessoa com baixa visão, como é o meu caso, sofre variação de indivíduo para indivíduo. De forma que, não dá para generalizar a compreensão acerca das deficiências visuais.

Sabe professor (a), não quero ser mais um número estatístico que aponta o crescimento no quantitativo de pessoas com deficiência no âmbito da educação, especialmente no ensino superior. Estou aqui para receber capacitação para, inclusive posteriormente, exercer minha profissão. Portanto, quero ser avaliada como meus colegas, e participar de todo e qualquer processo avaliativo proposto nesta disciplina e em qualquer outra. Então, por favor, não me exclua de nenhuma atividade desse processo formativo.

Assim, quando quiser fazer uma pergunta para mim, pergunte diretamente a mim, e evite fazer perguntas aos meus colegas, das coisas que apenas eu sei o que responder exatamente. Também não fique mostrando aos meus colegas o quanto estou indo bem nas atividades. Esse tipo de atitude me faz sentir como se eu fosse um ser estranho, ou ainda, levar meus colegas de turma ao pensamento arcaico de que sou um máximo, por ser uma estudante com deficiência.

Ah! Professor (a), não grite e não precisa aumentar a voz, pois minha deficiência é visual. No decorrer de suas aulas quando estiver utilizando o quadro branco, verbalize tudo o que estiver escrevendo. Essa atitude fará com que eu acompanhe e compreenda sua explicação. E, por favor, evite expressões como aqui, lá, isso ou aquilo, pois essas são algumas das expressões que – quando não acompanhadas de referências, e sem uma boa

elucidação do contexto – para mim, pessoa com baixa visão, ficam sem sentido.

Professor (a), é importante você saber que eu não leio em braile, e antes que você diga que eu tenho que saber ler em braile, eu lhe digo que não. Fui alfabetizada em escola regular, e apenas no final do ensino médio é que passei a ter uma considerável perda de visão, impossibilitando-me de copiar da lousa como fazia antes. E, com o decorrer do tempo, aprendi a usar ferramentas e tecnologias assistivas que me permitem utilizar computadores e escrever vários documentos, assim como esta carta que você está lendo agora.

Atualmente, faço uso de leitores de telas que permitem utilizar o celular com autonomia, permitindo-me, inclusive, a acessar redes sociais, como Instagram e Facebook. No computador, utilizo o sistema operacional DOSVOX e o software NVDA, que proporcionam autonomia para digitalizar meus trabalhos acadêmicos, pesquisas e artigos, entre outros documentos editáveis.

Sobretudo, há algo que sempre gosto de elucidar, autonomia não é autossuficiência, e o fato de ter possibilidades e conhecimentos que contribuem para minha autonomia, tanto na condição de estudante quanto profissional, não significa nunca precisar do apoio de pessoas sem deficiência visual. É o inverso, esse apoio é muito importante e várias vezes necessário, por exemplo, após finalizar a edição de um artigo científico, quando recorro ao apoio de uma pessoa sem deficiência visual para corrigir e ajustar os detalhes da formatação e estética visual do trabalho.

Outra coisa importante de dizer é que nem todos os textos são disponibilizados em um formato acessível, e tornar esses materiais acessíveis aos recursos de acessibilidade é outro desafio. Isso porque quando os livros e demais materiais não estão digitalizados, terão que ser e corrigidos, e essa é uma etapa demandante de tempo além de não existirem muitos locais que realizem esse trabalho.

Então, quando o texto não for disponibilizado no formato digital, isso significa que vou precisar de um tempo maior para lê-lo. Porém, você compreender que preciso de um tempo maior para leitura, não resolve a questão, porque, certamente, irei para sala de aula em situação desigual com meus colegas, que terão lido o material, previamente, e, por isso, terão subsídios para garantir participação na aula, inclusive nos debates. Então, por gentileza, se possível, evite discutir um texto ou obra que não esteja digitalizada, e quando for utilizar uma obra que só esteja disponível no formato físico, avise com, pelo menos, 20 dias de antecedência.

Fique tranquilo, professor (a), vai dar tudo certo! Vamos aprender juntos, e nossa parceria é imprescindível para meu sucesso na condição de estudante e sua reconhecida eficácia enquanto professor. Mas, ainda não terminei, também tem a questão dos documentários e vídeos legendados, por favor, não os exponham a turma sem o recurso da descrição de áudio. A descrição de áudio é a melhor e mais eficaz ferramenta de acessibilidade no contexto da comunicação, em razão de proporcionar reconhecimento e apropriação do conteúdo apresentado em vídeos.

São inúmeras as barreiras diante do desafio da inclusão de pessoas com deficiência, em especial a visual. O capacitismo, o preconceito que atinge pessoas com deficiência, infelizmente encontra-se nestas barreiras, principalmente na barreira atitudinal e, em suma, é sobre a desconstrução de preconceitos estruturais que estou tratando nesta carta. É necessário que todas e todos os professores compreendam e lancem mão dessa luta anticapacitista que não deve ser apenas de pessoas com deficiência, e sim de toda uma sociedade que compreende e respeita diretrizes legais postas no estatuto da pessoa com deficiência, a Lei nº 13.146, que dispõe sobre os direitos e deveres da pessoa com deficiência e dá ênfase à inclusão e acessibilidade, não como favor, solidariedade ou favoritismo, mas sim, reafirmando o direito à cidadania e participação social de pessoas com deficiência.

Atenciosamente,

Hellen Priscila Negrão Raiol Monteiro

Mestra em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará
Coordenadora do Comitê Anticapacitismo do Conselho Regional
de Serviço Social da 1ª Região



Carta de uma professora com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)

EM BUSCA DE MIM

Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim?
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim

Prezado(a) leitor (a),

Escrever esta carta é uma forma de expressar aquilo que, por muitos anos, eu mesma tentava entender em mim. Espero que este relato possa iluminar não apenas as particularidades do meu caminho, mas, também, oferecer um pouco de esperança e compreensão para aqueles que convivem com o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) — ou para aqueles que conhecem alguém que passa por essa jornada.

Desde criança, sempre tive a sensação de que “não era deste planeta”. Minha mãe dizia que eu vivia no “mundo da lua”, uma expressão que me acompanhou por toda a infância. Mas, ao longo dos anos, percebi que essa distração não era apenas um traço de personalidade; era algo mais complexo e profundo, que impactaria a minha vida de formas que eu ainda levaria muitos anos para entender.

Lembro-me de uma situação marcante nos meus anos finais do ensino fundamental. Estávamos em uma aula de português, e a professora trouxe uma charge de uma boneca de pano, largada em um canto, com uma expressão visivelmente triste. Ela nos pediu que interpretássemos a imagem, e, imediatamente, sem pensar duas vezes, minha resposta foi “abuso infantil!”. A professora, surpresa, comentou que minha interpretação era algo que “ia além do esperado”. Naquele momento, percebi que a minha forma de ver o mundo era, de fato, um pouco “além”. Esse sentimento de estar sempre em um “além” foi algo que nunca me abandonou.

Outro aspecto sempre presente na minha vida foi a impulsividade. Como uma contradição ambulante, eu era rápida nas respostas, nos movimentos e nas ideias, mas, ao mesmo tempo, vivia em um estado de distração constante. Com o tempo, percebi que a impulsividade e a distração coexistiam como lados opostos de uma mesma moeda, uma dinâmica interna que me trazia tantas dificuldades quanto momentos de criatividade e ideias únicas.

Os traços do TDAH surgiram cedo na minha infância, mas, como muitas crianças, eu também passei por alguns episódios de convulsão. Por conta disso, precisei fazer exames neurológicos regulares até a adolescência, incluindo

eletroencefalogramas. Minha mãe me conta que esses exames mostravam “ausências” — aqueles momentos em que, sem motivo aparente, eu parecia desconectar do mundo ao meu redor. Muitas vezes, essas ausências me pegavam de surpresa; eu estava conversando, ou ouvindo alguém falar e, de repente, percebia que tinha perdido uma parte importante do que fora dito. Em sala de aula, isso era ainda mais frequente: durante uma explicação, de repente parecia que algo simplesmente deixava de fazer sentido. Eu sabia que tinha perdido algo, mas não conseguia identificar o que era.

Essas lacunas se mostraram especialmente desafiadoras na escola. Na disciplina de matemática, por exemplo, eu tinha dificuldade em identificar exatamente quais contas tinha feito, pois costumava resolver as contas mentalmente e depois esquecia qual raciocínio havia seguido e não conseguia passar para o papel. Em redações, então, o problema se amplificava: se a orientação do professor não fosse bem específica, eu me via perdida em pensamentos por longos períodos, tentando encontrar uma maneira de começar e articular as ideias. Essas “viagens” mentais me consumiam e dificultavam o início e a finalização das tarefas.

Para lidar com isso, eu adotei uma estratégia peculiar: em vez de anotar as aulas, preferia ouvir com atenção e guardar o que fosse importante. A razão era simples — eu não conseguia, ao mesmo tempo, prestar atenção e copiar o conteúdo do quadro. Minha memória se tornou minha maior aliada, mas, durante a época de provas, eu dependia dos cadernos dos colegas para revisar a matéria. Esse método funcionava bem para mim, mas eu sabia

que não era o ideal. Eu precisava me adaptar e encontrar maneiras de seguir o ritmo da turma.

A repetição, tanto nas falas de professores quanto em livros, rapidamente se tornava uma armadilha. Sentia minha concentração escapando, tornando impossível acompanhar longos textos sem me perder ou ficar entediada. Na trajetória de minha formação acadêmica, especialmente no mestrado e doutorado, esses desafios se tornaram ainda mais pronunciados. Eu amava as ideias que estava desenvolvendo, as perguntas que levantava e as entrevistas que realizava, mas o processo de escrita era uma verdadeira tortura. Exigia uma concentração que eu, simplesmente, não conseguia sustentar por longos períodos.

Apesar disso, completei meu mestrado e doutorado sem o auxílio de qualquer medicação que pudesse amenizar minhas distrações. O esforço era imenso, e essa experiência só aumentou a minha empatia por outras pessoas que, como eu, tentam avançar em um sistema que, muitas vezes, não está preparado para abraçar as diferenças.

Decidi, então, tentar concursos para me tornar docente em universidades. Mas os exames dissertativos, que requeriam redigir por horas sobre um tema sorteado, eram um verdadeiro pesadelo. Recebíamos folhas em branco e uma lista de temas que poderiam ser abordados. Diversas vezes, tentei fazer esse tipo de prova e, em todas, sentia-me extremamente frustrada e exausta. Eu sabia que tinha conhecimento sobre os temas, mas a pressão e o tempo para estruturar um texto coerente me faziam sentir incompetente.

Em 2023, no entanto, decidi tentar algo diferente. Com o diagnóstico de TDAH finalmente confirmado e a orientação do meu psiquiatra, comecei a usar um medicamento e a diferença na produção foi surpreendente. Pela primeira vez, consegui estudar por horas seguidas, organizar meus pensamentos e produzir textos bem estruturados em uma primeira tentativa. Senti também que minha compulsão alimentar diminuía, o que foi um benefício inesperado, mas muito bem-vindo. Saí de um desses concursos me sentindo finalmente orgulhosa de mim mesma. Embora não tenha passado, percebi que esse esforço me curou de uma imagem distorcida que tinha de mim — uma imagem de incompetência e lerdeza que sempre me incomodou.

Nos dias em que opto por não usar a medicação, tenho aprendido a recorrer a tecnologias para me ajudar a organizar. Ferramentas baseadas em inteligência artificial e aprendizado de máquina, como aplicativos de organização, listas de tarefas e, até mesmo, planejadores digitais, têm sido verdadeiros salvadores. Essas ferramentas funcionam quase como extensões da minha mente, oferecendo estrutura para minhas ideias e auxiliando na execução de tarefas sem que eu me perca. Elas me ajudam a estabelecer prazos, categorizar compromissos e organizar meu dia a dia de forma prática, permitindo que eu contorne as dificuldades naturais do TDAH.

Além disso, percebo que, apesar de todas as dificuldades, sempre tive facilidade em aprender aquilo que realmente me interessa. Tenho uma curiosidade natural por assuntos que, à primeira vista, parecem complexos e distantes da minha área. Por exemplo, aprendi

rapidamente conceitos tecnológicos e do campo da psicologia e me aprofundei em investimentos financeiros e na dinâmica da bolsa de valores. Esses temas, que muitos consideram desafiadores, tornaram-se fontes de prazer e estímulo para mim. Acho fascinante ver como a minha mente se adapta e assimila informações nesses campos, e isso tem sido uma lembrança constante de que o TDAH, embora desafiador, pode abrir possibilidades. Com apoio, adaptação e as ferramentas certas, posso transformar esses interesses em habilidades reais.

Hoje, como inspetora escolar, essa experiência pessoal me permite ver a educação de uma forma única. Reflito constantemente sobre como as dinâmicas escolares poderiam ser mais acolhedoras para os estudantes neurodiversos e como as instituições de ensino poderiam criar ambientes mais inclusivos e acolhedores para todos. Compreendo que as trajetórias acadêmicas são influenciadas não apenas pelas habilidades dos alunos, mas também pela forma como essas habilidades são acolhidas, interpretadas e incentivadas. Criar oportunidades para que cada aluno se sinta pertencente e respeitado é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e empática.

Meu desejo é que, ao compartilhar minha história, eu possa inspirar não apenas outros educadores e educandos, mas também as famílias e profissionais de saúde que convivem com o TDAH. Que possamos, juntos, construir uma rede de apoio onde o conhecimento, a empatia e a adaptação se tornem pilares

para uma educação que abrace, de fato, todas as diferenças.

Atenciosamente,

Mariana Cavaca Alves do Valle

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais
Analista Educacional - Inspetora Escolar na Secretaria de Estado
de Educação de Minas Gerais (SEE-MG)



Carta de uma estudante autista

AUSTISTAR E INCLUIR: REFLEXÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Caras professoras,

Escrevo esta carta para compartilhar um pouco das minhas percepções sobre como as salas de aula poderiam ser ambientes mais acolhedores para estudantes autistas como eu. Como a maioria das pessoas que foram minhas professoras, desde a educação básica ao ensino superior, foram mulheres, dirijo-me nesta carta às professoras, mas peço a vocês, professores, que não deixem de lê-la por causa disso. É uma pequena e singela inversão daquilo a que estamos acostumadas como mulheres, de sermos contempladas no masculino universal quando há um coletivo misto de mulheres e homens.

Do início da Educação Infantil até o final do Ensino Médio, crianças e adolescentes passam em média 9.600 horas na escola. Durante essas horas, elas assistem aulas,

realizam e apresentam trabalhos, participam de atividades e passeios pedagógicos etc. Ainda que todas participem desse mesmo processo, é importante que as pessoas adultas que integram o quadro profissional das escolas entendam que cada uma tem um desenvolvimento próprio, assim como dificuldades e potencialidades distintas. Isso implica a atuação conjunta de professoras da sala, professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE), coordenadoras e demais profissionais da escola para facilitar o processo de aprendizagem de cada estudante.

Para particularizar na questão do autismo, acho importante dizer que o autismo é definido em parâmetros biomédicos como um transtorno neurobiológico que prejudica a comunicação e a interação social e inclui comportamentos restritos e estereotipados. Mas é definido por nós, pessoas autistas, como uma variação natural da neurodiversidade humana. Isso significa que nós reconhecemos que possuímos particularidades e precisamos de apoio para sobreviver e, efetivamente, viver em um mundo que nos exclui sistematicamente. No entanto, entendemos que o verdadeiro ‘transtorno’ é a sociedade capacitista e pouco apta a incluir toda a diversidade de pessoas que a compõem.

Também vale ressaltar que o autismo é considerado um espectro. Isso quer dizer que não existe uma pessoa autista igual à outra. Características comuns no autismo, como a presença do Transtorno do Processamento Sensorial (TPS), de *stims* (referenciados pelo modelo médico como “estereotipias”), de dificuldades motoras, de seletividade alimentar, de necessidades mais ou menos complexas de comunicação, entre outras, não ocorrem

exatamente da mesma forma para diferentes pessoas autistas. Algumas pessoas autistas vão falar bem, outras vão se comunicar, exclusiva ou principalmente, através de recursos de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA); algumas são hipersensíveis aos estímulos do ambiente enquanto outras são hipossensíveis a esses mesmos estímulos, e por aí vai.

A escola foi para mim um ambiente muito desafiador, especialmente a partir do segundo segmento do Ensino Fundamental, quando as responsabilidades naturalmente aumentam e, ainda, eu havia mudado para uma escola bem maior do que a que eu estava acostumada. Embora eu fosse estudiosa e tirasse boas notas na maioria das matérias, eu tinha muita dificuldade em interagir com a turma e com as professoras. Trabalhos em grupo tiravam a minha paz, assim como atividades no formato de seminário. Eu tenho TPS, sendo hipersensível a estímulos sonoros e visuais, então o excesso de barulho dos momentos de troca de professoras e recreio eram muito incômodos. Nas aulas de educação física, minhas dificuldades de coordenação motora me atrapalhavam muito e eu detestava ter que participar das aulas sendo a pessoa que ninguém queria no time.

Apesar de me comunicar bem através da fala, isso não quer dizer que as dificuldades de comunicação não estejam presentes. Na escola, eu não conseguia comunicar às professoras dúvidas ou desconfortos, nem argumentar sobre correções que discordasse. Tampouco solicitar a elas alguma adaptação de avaliações. Seminários, por exemplo, eu não conseguia apresentar, então fazia a parte escrita e não ia com o grupo para a frente da turma

apresentar o trabalho. E, com isso, eu simplesmente perdia pontos na avaliação final. Já na graduação, eu vi uma chamada para participar de um projeto de pesquisa e me interessei muito. Mas era necessário procurar o professor dentro de um determinado período para comunicar o interesse. Eu simplesmente não consegui fazer isso. Fui até a sala indicada três vezes, mas não tinha coragem de bater à porta e iniciar a conversa.

Essas são as minhas dificuldades. As de outras pessoas autistas podem ser similares ou completamente diferentes. Não existe uma receita de bolo sobre como ensinar autistas. Acredito que a sensibilidade é o melhor caminho para nos apoiar em nossa trajetória acadêmica. Durante a maior parte do meu percurso na educação básica, ainda não havia uma legislação a respeito da educação inclusiva. Em 2008, foi lançada pelo Ministério da Educação (MEC) a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPI). Hoje, portanto, já temos avanços na atenção às pessoas com necessidades educacionais específicas nas escolas, o que contribui para que as professoras tenham apoio no processo de ensinar. Por favor, ajudem-nos a cobrar dos governos e das instituições privadas que o AEE seja um serviço presente em todas as escolas, pois esse é um apoio essencial tanto para nós quanto para vocês.

A sensibilidade docente faz toda a diferença na vida de estudantes, autistas ou não. As professoras que mais marcaram o meu percurso acadêmico foram as que me acolheram e me ajudaram a superar as dificuldades que citei, sem para isso me pedir laudos ou relatórios médicos. Isso que gosto de chamar de “sensibilidade” é referenciado

de forma técnica sob o nome de acessibilidade atitudinal. Para que estudantes autistas aprendam e se desenvolvam plenamente, é necessário que as professoras promovam acessibilidade através de suas atitudes. Sabemos que pode ser mais difícil ensinar a nós que somos autistas que às/aos estudantes típicas/os. Mas, acreditem, também é muito mais difícil para nós interagir com uma sociedade que não nos aceita como somos. Para que essa relação de ensino-aprendizagem dê certo, precisaremos ambas nos esforçarmos. E, quem sabe, vocês não se surpreendam ao se permitirem também aprender conosco?

Com carinho, de uma estudante autista,

Camila Jasmin Martins

Mestranda em Políticas Públicas e Formação
Humana pela Universidade do Estado do Rio de
Janeiro
Assistente Social no Colégio Pedro II - RJ



Carta de uma pessoa com mobilidade reduzida

A EDUCAÇÃO RESSIGNIFICOU A MINHA VIDA

Caros (as) professores da rede de Educação Básico e do Ensino Superior,

Nesta carta, conto uma história sobre o processo da minha vida depois que me tornei Pessoa com deficiência (PCD) e os convido a pensarem em ações mais inclusivas.

Aos 33 anos de idade, fui acometida por uma patologia grave e rara, chamada “Síndrome de Guillain Barre”. Desde então, a minha vida teve uma grande ressignificação. Porém, é devido à educação que hoje escrevo para relatar sobre o quão importante foi a minha inserção no curso de graduação, a minha inclusão em uma universidade pública, laica e democrática, e a respeito dos desafios que, ainda, permeiam meu cotidiano.

Professores, mestres, minha fala anseia ampliar o entendimento sobre o mundo das pessoas que têm algum

tipo de deficiência, sobretudo para que vocês compreendam a realidade tão diversa desses indivíduos, embora o que desejamos é o que todo cidadão quer: um dia a dia, paulatinamente, mais distante de preconceitos e discriminações, em que o respeito impere.

Caríssimos mestres, não julguem os alunos pela aparência física ou por qualquer característica diferente da sua! Nós, pessoa com deficiência, somos pessoas e como tais merecemos respeito; não somos cidadãos que precisam de piedade, dó, compaixão – respeito nos é suficiente!

Professores, a deficiência física ou a mobilidade reduzida não nos fazem diferentes. Lutamos diariamente por uma sociedade mais acessível e inclusiva, em que a diferença nos torne iguais no que tange a garantia dos direitos civis e sociais preconizada na Constituição de 1988. Para além disso, almejamos uma sociedade mais justa e equânime, ou seja, com equidade, princípio norteador de uma coletividade verdadeiramente democrática e sadia.

Diante disso, quando observarem algum discente com deficiência em sala de aula, trate-o da maneira como vocês gostariam de ser tratados. Não nos ignorem, não duvidem da nossa condição de aprender e desenvolver nossas habilidades, não nos julguem pelo estereótipo, apenas nos tratem com empatia, respeito, particularidade e percepção real da nossa individualidade são o que querem todos as pessoas com deficiência.

Professores, quando houver algum evento na instituição, tais como a festa junina e os jogos internos, incluam seus alunos. Jamais mencionem que não temos condições de fazer algo! Podemos muito mais do que o preconceito – tão presente no inconsciente coletivo – permite que a

sociedade veja! Proporcionem atividades que possibilitem a inclusão, pois já fomos muito excluídos ao longo de nossas vidas. Assim, vocês garantirão a participação dos alunos com deficiência a partir do fomento a ações culturais dentro da escola. Isso, sim, é incluir!

Professores, se tiverem alguma dificuldade em lidar com situações que desconhecem, procurem ajuda. Quando não se sabe sobre algo que incomoda, o melhor caminho é buscar conhecimento. Na contemporaneidade, existem muitas leis e regulamentações voltadas às pessoas com deficiência, cabendo destaque à Lei Brasileira de Inclusão e ao Estatuto da Pessoa com Deficiência (13.146/15), em que constam todos os direitos das PCDs.

Professores, ao longo da minha trajetória no curso de Serviço Social na Universidade Estadual de Montes Claros, passei por muitos desafios que poderiam ter afetado a minha permanência e me impedido de concluir minha graduação. Todavia, havia mestres que não desistiram de mim, que me olharam como pessoa, em detrimento de quaisquer outras características minhas. São pessoas que viram em mim potencial, reconhecendo que eu precisava apenas de acessibilidade na estrutura física da instituição e de menos preconceito no meu caminho. É, portanto, a partir desse olhar de equidade que hoje estou aqui para dizer que somos pessoas com características diferentes, mas plenamente capazes de estarmos em qualquer lugar e de realizar qualquer sonho.

A parte de vocês, mestres, como formadores e fomentadores de uma sociedade plural, é reconhecerem a singularidade dos seus alunos e os impulsionarem a trilhar o caminho sem preconceito, discriminação e capacitismo.

Professores, acreditem, vocês podem fazer toda a diferença na vida dos seus alunos! Eu tive uma professora que acreditou em meus sonhos, em que eu poderia estar aqui, escrevendo para vocês! Ela não estava enganada. Eu a honro com a minha coragem e multiplico aqui a ação dela de acolher, acreditar e não rotular. Vocês também podem ser assim! Uma sociedade plural é conquista de muitos, começando por mim e por vocês. Vamos?

Atenciosamente,

Suzana Alves dos Santos Barros

Mestranda em Educação na Universidade Estadual de Montes
Claros

Assistente Social na Secretaria Municipal de Educação em Montes
Claros-MG



Carta de uma pessoa surda oralizada usuária de Implante

APRENDER PARA ENSINAR

Caros (as),

Professores (as), não existe ofício mais nobre do que o de ensinar. Esse ofício desperta em nós admiração e encanto. E nas várias salas em que vocês cultivam o aprendizado, existe uma diversidade de corpos, necessidades, pensamentos e sentimentos. A diversidade está presente em todos os espaços, e o respeito às diferenças é essencial para se conviver e aprender. Pessoas que possuem realidades distintas podem nos ensinar como é importante a singularidade de cada um. A diversidade é a fonte da nossa riqueza.

Sim, aprender com as diferenças é importante para construirmos uma sociedade mais justa, acolhedora e plural. Por isso, me esforço para dizer que não é preciso ter receio, não sabemos tudo e não existe ensinar sem

aprender, mas o interesse torna o aprendizado mais fácil. Então peço sua atenção para o que tenho a contar.

Sou um sujeito surdo oralizado usuário de Implante Coclear bi-lateral. Você sabe o que isso significa? Significa que, apesar de ser surdo, me comunico oralmente e escuto de forma diferente. Utilizo nos ouvidos aparelhos internos e externos que captam o som através de estímulos elétricos e meu cérebro os interpreta como som, permitindo que eu possa interagir com as pessoas e o mundo, ouvindo, mas de uma maneira diferente.

No meu caso, perdi a audição aos 38 anos, perda auditiva adquirida. Mas, escutar novamente, foi uma escolha. A minha história como pessoa com deficiência, surdo oralizado, começou quando desenvolvia atividade de professor no ensino superior e era ao mesmo tempo aluno de pós-graduação. Foi um momento difícil, de resignificação e aprendizado.

Quando as pessoas percebem que utilizo implante coclear muitos me tratam com pena, talvez na tentativa de serem empáticos. Outros pensam que sou uma pessoa de sorte por poder escutar novamente e que, por isso, não tenho problemas para interagir. Isso é um engano, queridos professores (as), pois, para alcançar o nível de audição próximo ao que é chamado de “normal”, que me permita entender as vozes, palavras, frases e enunciado foi necessário adaptação aos aparelhos, sessões de fonoterapia e, principalmente, o desejo de superar uma limitação. Assim, a minha diferença não pode ser ignorada.

Aprendi nesse processo que poucos têm respeito à diversidade. O diferente ainda causa espanto, e muitos reagem com brincadeiras negativas que refletem

o desconhecimento e causam exclusão. Não sou um ciborg, só escuto de forma diferente. Professores (as), estimulem a interação, pois, somente assim podemos combater o preconceito.

Às vezes estou bem, às vezes não estou bem. O estresse auditivo é inevitável quando tenho muitas atividades; fico irritado e preciso de repouso. Outra coisa que ocorre é que o silêncio não existe. Quando estou sem os aparelhos tenho zumbidos intensos.

Ninguém escuta tudo, mas, às vezes, fico inseguro e preciso solicitar que se repita o que foi dito. Não fale tão rápido, preciso que se fale olhando para mim, pois costumo utilizar a leitura labial para entender. Em todas essas situações, não percam a paciência professores (as), estou aqui e quero escutar, mesmo que seja de forma diferente.

Professores (as), existem surdos que escolheram interagir usando a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), outros a leitura labial, outros, ainda, decidiram escutar utilizando o Implante Coclear e está tudo bem, desde que sejam respeitados em suas diferenças.

Todas as vezes que participo de sua aula carrego comigo as pilhas, as baterias, os fios conectores, os ímãs e as cicatrizes nas duas orelhas, mas carrego, principalmente, o desejo de aprender pela minha experiência sensorial, que não é inferior ou superior, apenas diferente.

Tudo que escrevi foi baseado nas experiências que vivi. Acredito na educação inclusiva e tenho certeza que vocês são protagonistas nas novas posturas e habilidades que permitam compreender que os alunos com necessidades educacionais diversas não estão em sala de aula

para atrapalharem o seu trabalho e, sim, para nos ensinar um novo processo de aprendizagem.

Com carinho e gratidão desejo que a experiência aqui compartilhada os ajude a despertar para as mudanças necessárias que garantam a educação inclusiva.

Atenciosamente,

Ted Nobre Evangelista

Mestrando em Educação na Universidade
Estadual de Montes Claros
Psicólogo Clínico



Carta 8

Carta de um professor com Transtorno Obsessivo Compulsivo – TOC

TOC. TOC. TOC.

Caros (as) trabalhadores da educação,

Quem é? No caso, sou eu, Ícaro Belém Horta, professor de geografia da rede pública e privada. Mestre em educação, jovem, animado, eclético e muito enérgico. Além do mais, além de tudo isso, tenho TOC - Transtorno Obsessivo Compulsivo. E é algo que já me acompanha há um tempo bem longo... 19 anos (quase 19 anos e meio). 19 dos meus 26 anos de vida.

Normas, regras, continuidade e angústia. Talvez se eu pudesse definir como é a percepção de alguém com TOC, esses seriam bons termos. Mas algo é importantíssimo de ser ressaltado: não sou o TOC, muito menos o TOC me define. Sim, tenho o TOC, possuo características comuns para quem tem TOC, mas sou muito além disso.

O Transtorno Obsessivo Compulsivo é uma forma de se pensar a realidade com base em uma perspectiva através da obsessão e da compulsão por ações. Posso dizer que é quase uma lista de regras, normas e condutas que devem ser **obrigatoriamente** realizadas e feitas com um certo número repetitivo de vezes.

Pode até parecer algo chato, eu sei, mas é assim. É uma regra. É uma obrigação. É uma determinação. É a minha forma de evitar com que algo ruim aconteça. Por mais que, várias vezes, as pessoas possam falar que é uma besteira, não é. São repetidas vezes que alguém verificará se fechou a porta, se está tudo exatamente no lugar, que lavará as mãos depois de um simples toque numa terra ou numa atividade qualquer. E quando falo repetidas vezes, são inúmeras. Cada pessoa pode ter um certo padrão de repetição; o meu, por exemplo, sempre foi o quatro e os seus múltiplos. Mas além da repetição, lavava minhas mãos **inúmeras** vezes, chegando a ter ferimentos constantes de tanto lavar.

Mas... como cá estou eu escrevendo – ou melhor, digitando – esta carta sem haver um padrão repetitivo ou lavando as minhas mãos? Na verdade, o padrão pode até estar presente, mas compreender o TOC e todas as suas particularidades foi – e ainda é – um processo constante de tratamento psiquiátrico e psicológico. Quando diagnosticado, fiquei em um período de dois a três anos direto sendo tratado por remédios psiquiátricos e sessões de terapia. Fui muito privilegiado por ter uma família que teve condições de me fornecer esse tratamento, mas, também, de ter um grupo de professoras que entenderam

que eu teria algumas particularidades na minha escrita, nas atividades e nas constantes saídas de sala.

O papel da educação, nesse momento, foi muito relevante com as vivências que eu tive. E... dentro deste livro, você deve estar se perguntando: “e cadê a parte que eu, professor(a) vou usar nas salas de aula?”. Eu sei, é intencional esta demora. Por quê? Pela necessidade de compreensão do que é o TOC e de algumas das suas — nossas — particularidades. É uma forma de (re)pensar como três letras pode significar uma multiplicidade de ações, padrões e diversidades.

Então, caro colega, entenda que o seu aluno possui um padrão de comportamento que é da sua própria realidade e que, caso ele não o cumpra, algo de ruim pode ser concretizado no pensamento dele. Escute-o. Pergunte o que pode ser feito. Pratique sua empatia. Algumas ações podem ser facilitadas, como, por exemplo, maior tempo para a escrita e realização de algumas atividades; combine e flexibilize com ele sobre idas ao banheiro para que possa se higienizar; disponibilize álcool em gel nas aulas. Mas, o mais importante: não ache que não é nada. Para nós, uma simples ação não feita pode desencadear uma série de consequências. No mais, agradeço pela atenção!

Atenciosamente,

Ícaro Belém Horta

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professor na rede pública municipal de Belo Horizonte

AGRADECIMENTOS

Este livro de cartas é um projeto coletivo, por isso preciso agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a sua construção. À editora da Unimontes que aceitou publicar este livro. À Professora Maria Clara Ribeiro Maciel, que acolheu e incentivou a minha proposta, com muita sensibilidade e respeito. À Professora Rafaela Soares, com muita disponibilidade e dedicação me indicou alguns autores das cartas, que contribuíram muito para a diversidade de pessoas neste livro. Agradeço a cada pessoa, com diferenças, assim como eu, que aceitou escrever uma carta expondo sua diferença, com objetivo de contribuir para que os trabalhadores da educação entendam, respeitem e saibam lidar, com muita empatia, com a diversidade de pessoas existentes. Saibam que juntos somos mais fortes para romper com os preconceitos que vivenciamos todos os dias, só por sermos quem somos. Michelle Andrea Murta, Hellen Priscila Negrão Raiol Monteiro, Mariana Cavaca Alves do Valle, Camila Jasmin Martins, Suzana Alves dos Santos Barros, Ted Nobre Evangelista e Ícaro Belém Horta, muito obrigada por vocês estarem junto comigo neste livro e na vida em busca de uma sociedade diversa e plural.

AUTORES

Carta 1

Michelle Andrea Murta

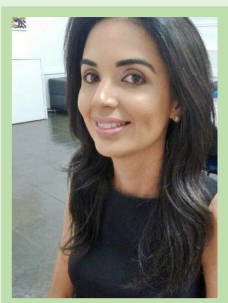
Doutora em Linguística Teórica e Descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestra em Letras e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Licenciada em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012). Atualmente, é Professora Adjunto Nível I do curso Letras-Libras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.



Carta 2

Viviane Bernadeth Gandra Brandão

Doutora em Educação pela PUC-MINAS. Assistente Social e Licenciada em Letras-Espanhol. Docente na Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES no Departamento de Política e Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE e no Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva (Mestrado Profissional

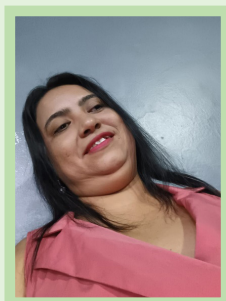


em Educação Inclusiva em rede nacional/PROFEI). Moderadora de grupo de Apoio à Pessoa que Gagueja e Integrante do Comitê Científico da Associação Brasileira de Gagueira-ABRAGAGUEIRA. Nas horas de descuido, faz exercícios físicos e gosta de escutar o som dos passarinhos.

Carta 3

**Hellen Priscila Negrão Raiol
Monteiro**

Mestra em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará. Assistente Social. Especialista em Políticas Públicas e Serviço Social pela Universidade Federal do Pará. Coordenadora do Comitê Anticapacitismo do Conselho Regional de Serviço Social da 1ª Região.



Carta 4

Mariana Cavaca Alves do Valle

Doutora em Educação na linha de pesquisa Política, Trabalho e Formação Humana, Mestre em Educação com foco em Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas e Pedagoga pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é inspetora escolar na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG).



Carta 5

Camila Jasmin Martins

Mestranda em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Assistente Social no Colégio Pedro II, membra da Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas Autistas (Abraça) e do Coletivo Serviço Social Anticapacitista.



Carta 6

Suzana Alves dos Santos Barros

Mestranda em Educação no PPGE da Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES, Assistente Social na rede pública de Educação Básica municipal de Montes Claros-MG. Diretora da Seccional Montes Claros – Conselho Regional de Serviço Social - CRESS-MG.



Carta 7

Ted Nobre Evangelista

Mestrando em Educação pela Unimontes. Psicólogo Clínico. Conselheiro Referência da Comissão de Orientação em Psicologia e Inclusão de Pessoas com Deficiência do CRP-MG. Moderador de grupo de apoio a pessoas surdas usuárias de Implante Coclear: “Vivências e IC”.



Carta 8 **Ícaro Belém Horta**

Mestre em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Geografia da rede pública municipal de Belo Horizonte.



